

APRESENTAÇÃO

A comemoração dos cinquenta anos da existência do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas é um momento propício para refletir sobre a trajetória até aqui percorrida. Não acompanhei todo esse percurso, mas estive presente, de forma até muito próxima, intensa e ativa, pelo menos, nos últimos vinte anos.

As referências ouvidas de professoras e professores que participaram dos momentos anteriores indicam que essa trajetória foi complexa e, por vezes, acidentada, como complexa e acidentada foi a história brasileira e alagoana nesse período. É bom lembrar que, pelo menos de 1964 a 1984, o Brasil viveu um longo período de ditadura militar, que também marcou profundamente a trajetória do Serviço Social, tanto nacional como alagoana.

Por circunstâncias que não vem ao caso mencionar aqui, mas bem analisadas por outros intelectuais dessa área, o Serviço Social brasileiro, através de um processo extremamente complexo, foi aprofundando o seu compromisso, teórico e prático, com uma perspectiva de transformação social profunda, deixando de lado aquela concepção de caráter mais assistencialista que lhe era peculiar desde o seu nascimento. Essa mudança de perspectiva poderia, talvez, mesmo com o risco inerente a toda síntese, resumir-se à compreensão de que os diversos serviços oferecidos à população pelos profissionais do Serviço Social, seja através de órgãos do Estado, seja por intermédio de empresas ou entidades de outro tipo, não são demonstrações de caridade, de favor, mas direitos dos quais os usuários devem tomar consciência e pelos quais devem combater, juntamente com os profissionais e outros segmentos das classes subalternizadas.

Esses embates e essas mudanças também se refletiram, com as suas peculiaridades próprias, na trajetória do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas. Acompanhei de perto e participei ativamente de boa parte desse percurso. Complexo e contraditório, como tudo o que é humano. Não creio, porém, exagerar se disser que, apesar de dificuldades de toda ordem, muitos e bons frutos foram produzidos ao longo de todos esses anos. Alguns milhares de profissionais foram formados e, ainda que com os resultados mais diversos, esses profissionais foram incentivados a terem uma compreensão mais ampla, mais profunda, mais crítica da lógica da sociedade capitalista, dos problemas sociais que se originam no interior dela e das formas e possibilidades do seu enfrentamento.

Vale enfatizar que, em um momento, que cobre algumas décadas, em que a ampla maioria das chamadas Ciências Sociais, no sentido bem lato do termo (incluindo, portanto, também economia, direito, pedagogia, filosofia, etc.) assume uma conotação cada vez mais conservadora e até reacionária, a tônica da teorização e o impulso à prática no Serviço Social têm sido no sentido de um compromisso mais acentuado com a crítica e a transformação radical dessa ordem social. Independente das divergências, que são normais no interior da universidade, é na área do Serviço Social onde a problemática da desigualdade social, da luta de classes, da alienação, da revolução, do comunismo, da superação do capital e do Estado, em resumo, todas as questões conectadas com a emancipação humana, com a construção de uma sociedade efetivamente igualitária e livre, é tratada de modo explícito e amplo.

Não é por acaso que o projeto ético-político do Serviço Social coloca, de modo claro e explícito, a superação do capital e a luta pela emancipação humana como objetivos que devem nortear os profissionais dessa área. Não conheço nenhum outro projeto profissional que coloque essa questão com tanta ênfase e clareza. Também não é por acaso que o estudo das obras de Karl Marx e de outros críticos radicais do capitalismo tem um lugar privilegiado no Serviço Social, ao contrário da maioria das outras Ciências Sociais, de onde esse estudo foi praticamente banido ou largamente secundarizado e deformado.

Não há que se iludir, porém. Se muitas e positivas foram as conquistas até o presente momento, muitos também são os problemas que se desenham para o futuro. O embate entre as perspectivas conservadora, reformista e revolucionária, continua permeando, como não poderia deixar de ser, as atividades teóricas e práticas do Serviço Social. Tal fato não é de estranhar, pois nada mais é do que o embate, no interior desse campo profissional, que acontece no restante da sociedade. Lamentavelmente, a meu ver, as perspectivas conservadora e reformista estão, de algum tempo para cá, por circunstâncias históricas que não podem ser detalhadas aqui, ganhando cada vez mais terreno. Reforça-se, de um lado, a perspectiva, chamada neoliberal, que preconiza que se deixe ao mercado a tarefa de regular a vida social. De outro lado, também se reforça, para aqueles que, de alguma forma não radical, se opõem ao neoliberalismo, a concepção de que o objetivo a ser perseguido incansavelmente é o aperfeiçoamento dessa ordem social e de que esta constante melhoria tem por núcleo fundamental a ampliação da cidadania e da democracia. Penso eu que o reforço dessas duas perspectivas põe em perigo aquele impulso teórico e prático em direção a uma transformação radical da sociedade e, portanto, impõe tarefas cada vez mais ingentes no sentido de manter e ampliar a perspectiva revolucionária.

Nesse momento, em que o capital parece ter derrotado definitivamente toda e qualquer possibilidade de sua superação, é tentador render-se à idéia de que “não há alternativa”, de que a única possibilidade é embarcar nessa canoa e, no máximo, o que é característica de todo reformismo, tentar orientar a navegação no sentido de evitar as águas mais turbulentas, ou seja, no sentido de minimizar os seus efeitos mais nocivos e desastrosos. Também é tentador render-se ao ideário da chamada pós-modernidade, cuja tônica é a demissão teórica e prática do sujeito. Demissão teórica no sentido de enfatizar a impossibilidade de apreender a realidade social como uma totalidade, restando apenas a possibilidade de capturar fragmentos isolados. Demissão prática no sentido de afirmar a impossibilidade de transformar radicalmente o conjunto da sociedade.

Diante disso, não é nada fácil manter, não de forma dogmática, mas de maneira articulada e bem fundamentada, a perspectiva de superação do capital e da construção de uma sociedade realmente igualitária. Isso implica o conhecimento da história da humanidade, desde o salto do mundo natural ao mundo social, entendendo, porém, história não como a narração de fatos e acontecimentos, mas como esse complexo e contraditório processo de autoconstrução humana ao longo do tempo, onde se articulam economia, política, direito, educação, arte, ciência, filosofia, religião, etc.; implica também a compreensão dos fundamentos, da natureza e da lógica da sociedade capitalista e das contradições a ela inerentes; implica, ainda, o conhecimento dos fundamentos de uma forma de sociabilidade para além do capital – o comunismo – e a fundamentação da possibilidade da sua construção. Sem falar que ainda é preciso debruçar-se sobre a espinhosa tarefa, teórica e prática, de buscar os caminhos para a efetiva construção dessa forma de sociedade. Tudo isso são desafios, enormes, com certeza, mas também instigantes. Porque são enormes nem é preciso dizer, pois salta aos olhos. E instigantes porque o compromisso, teórico e prático, para enfrentá-los, faz emergir o que há de melhor nas nossas potencialidades, criando, com isso, ao mesmo tempo, um sentido de vida imensamente superior já que nos arranca do mero plano da individualidade e nos eleva ao plano do gênero humano na sua totalidade.

Qual será a tônica do Serviço Social nos anos vindouros? Impossível prever. Só me resta, além de contribuir pessoalmente, torcer para que esse compromisso com as classes subalternizadas seja cada vez mais intensificado e solidificado.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.